

## CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA COMO PERSPECTIVA METODOLÓGICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

*Contributions of Phenomenology as a Methodological Perspective in Human Sciences*

Carlos Cardoso Silva<sup>1</sup>



<https://orcid.org/0000-0003-4594-3486>



### RESUMO

O artigo apresenta a fenomenologia como uma perspectiva metodológica de pesquisa que pode ser aplicada em diferentes áreas do conhecimento, especialmente nas ciências humanas. A partir da perspectiva fenomenológica de Edmund Husserl, por meio da intencionalidade da consciência, da redução fenomenológica é possível pesquisar de forma qualitativa dados originários da consciência e da subjetividade humanas; bem como, o/a pesquisador/a identificar as essências universais que caracterizam a experiência do mundo-vida dos participantes. A fenomenologia contribui para a compreensão da experiência subjetiva nas ciências humanas, permitindo uma reflexão sobre a vida autêntica, ética, racional e consciente. No entanto, os pesquisadores que utilizam a fenomenologia como perspectiva metodológica enfrentam desafios, como a dificuldade de acesso às experiências subjetivas e a necessidade de um método que apreenda dos dados coletados com rigor metodológico, por meio da descrição, da suspensão dos juízos (*epoché*) e da interpretação rigorosa dos dados a partir do mundo-vida da pessoa ou grupo estudado para a captação do fenômeno oriundo da consciência, por isso, o método fenomenológico é fundamental para pesquisas na área de humanidades.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Perspectiva Metodológica. Ciências Humanas. Redução Fenomenológica. Desafios.

1

---

<sup>1</sup> Dr. em Educação, Psicólogo/Psicanalista. Professor do Curso de Psicologia do IAESUP – Instituto Aphonsiano de Educação Superior - FACULDADES APHONSIANO – Trindade – Goiás. E-mail: [carlos.cardoso27@gmail.com](mailto:carlos.cardoso27@gmail.com)  
Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 24, n.01, p.01-16, jan/dez 2024.

## ABSTRACT

This article presents phenomenology as a research method that can be applied in different knowledge areas, especially human sciences. Through Edmund Husserl's phenomenological perspective and his concepts of consciousness intentionality and phenomenological reduction, it is possible to research data originating from subjectivity and consciousness qualitatively. Husserl's perspective also allows researchers to identify universal essences that characterize the participants' experiences of the lifeworld. Phenomenology contributes to a better understanding of subjective experiences in human sciences while producing a reflection on authentic, ethical, and rational existence. Although researchers that use phenomenology as a methodological perspective face challenges such as access to subjective experiences and the need for a method that analyses data rigorously through the suspension of judgment (epoché), the phenomenological method is essential to the humanities area.

**Keywords:** Phenomenology. Methodological Perspective. Human Sciences. Phenomenal Reduction. Challenges.

## Introdução

A fenomenologia é uma corrente de pensamento que tem suas raízes na filosofia e foi desenvolvida por Edmund Husserl (1859 – 1938) no início do século XX. O final do século XIX e o início do século XX foram marcados por um clima intelectual turbulento, com o surgimento de movimentos filosóficos diversos. Husserl estava insatisfeito com as abordagens filosóficas dominantes de sua época, que negligenciavam a experiência subjetiva e se concentravam apenas em aspectos objetivos e científicos do conhecimento, denunciando o crescente distanciamento entre o mundo da ciência e o mundo-da-vida.

Com formação científica em matemática, Edmund Husserl teve como orientadores os matemáticos Karl Weierstrass, do qual foi assistente (1883 e 1884), Leopold Kronecker e Leo Königsberger, que orientou sua tese de doutorado em matemática intitulada *Contribuições ao Cálculo da Variações* na Universidade de Viena. Ao concluir os estudos de doutorado, Husserl se ocupou com o estudo da filosofia com Franz Brentano (1838 – 1917) e Carl Stumpf (1848 – 1936). Também desenvolveu os estudos de filosofia que iniciara na Universidade de Leipzig, sob orientação de Wilhelm Wundt, psicólogo muito respeitado na época e que o apresentou à filosofia de vertente empirista e psicológica.

Conforme Kelkel e Schéerer (1954, p. 10), “é num contexto de inquietação intelectual que o encontro com o filósofo Franz Brentano foi para ele uma revelação”. A partir do encontro com Franz Brentano e motivado por suas pesquisas, Husserl tornou-se adepto da psicologia descritiva. Husserl via em Brentano um visionário, o mensageiro de uma verdade nova.

A partir do contato com Franz Brentano, Husserl foi orientado para a abordagem da intencionalidade da consciência que propiciou o desenvolvimento da fenomenologia que conclamava o “o retorno às coisas mesmas”. Esse retorno significa voltar ao “mundo-da-vida” (*Lebenswelt*), ao mundo da experiência, ao mundo vivo do sujeito. Assim, Husserl rejeitou a visão de que a filosofia deveria ser uma ciência natural objetiva, buscando, em vez disso, uma filosofia fundamentada na subjetividade e na vivência da consciência.

Para Husserl, não era possível a ideia de que a realidade poderia ser compreendida apenas por meio de métodos científicos: ele destacava a importância da experiência subjetiva como ponto de partida para a investigação filosófica. Diante da perspectiva de negação da filosofia como ciência natural objetiva, ideia reinante no final do século XIX, Husserl desenvolveu suas ideias e conceitos fenomenológicos em uma série de obras importantes. Sua obra principal, "*Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*", publicada em 1913, apresentava os fundamentos da Fenomenologia Husserliana. Esses fundamentos continuaram a ser expostos em outras obras relevantes como as "*Investigações Lógicas*" (1900 - 1901) e "*A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*" (1936).

3

## **A Fenomenologia e o Método Fenomenológico**

O objetivo de Husserl para fundamentação de uma ciência de rigor ocorreu em um período de grande desenvolvimento das ciências empíricas, das revoluções tecnológicas e dos experimentos físicos diversos. Estes foram resultantes dos ideais positivistas que dominavam a sociedade e apresentavam uma visão de redenção do mundo pelo progresso das ciências naturais e pelo desenvolvimento científico e tecnológico.

A justificativa para pensar uma ciência rigorosa se tornou pertinente em consequência do progresso das ciências naturais. Isto é, o conhecimento oriundo das ciências naturais e dos ideais positivistas, que cada vez mais conquistavam espaço e valorizavam o saber prático em detrimento

do saber filosófico metódico e de rigor, contribuía para que as ciências humanas perdessem o seu valor. A expectativa de progresso da humanidade proposta pelo positivismo científico afastava o homem das ciências do espírito.

Diante do objetivismo das ciências naturais como já anunciado, no final do século XIX, Husserl percebeu que havia um psicologismo assumindo atitude de fundamentação do conhecimento, ou seja, a psicologia estava postulando uma comprovação teórica tanto da lógica quanto da filosofia. Diante do exposto, Husserl propôs uma fundamentação rigorosa da Filosofia, que pretendia resgatar o ideal grego do pensar filosófico originário do período clássico. Para Husserl (2002, p. 94), é a fenomenologia transcendental que superará todo objetivismo naturalista e todo objetivismo em geral:

o sujeito filosofante parte do seu eu, mais precisamente, ele se considera apenas como executor (*Vollzieher*) de todos os atos dotados de validade, tornando-se um espectador puramente teórico. Nesta atitude consegue-se construir uma ciência do espírito absolutamente autônoma, no modo de uma conseqüente compreensão de si mesmo e compreensão do mundo como obra do espírito.

4

Para tanto, Husserl visualiza a necessidade de elaborar uma autêntica fundamentação filosófica livre das concepções dos sistemas positivistas, historicistas, naturalistas e psicologistas, etc., isto é, uma fundamentação rigorosa de ciência que fosse autônoma, liberta de qualquer atitude empírica. É investigar o *a priori*, “a ciência apriorística é uma ciência dos princípios aos quais as ciências empíricas devem recorrer para encontrar o seu fundamento definitivo” (HUSSERL, s.d. p. 196). Este ideal possibilita a elaboração da fenomenologia como um método especificamente filosófico, “um método efetivo para compreender a essência fundamental do espírito em sua intencionalidade” (HUSSERL, 2002, p. 94), ou seja, o método fenomenológico.

O vocábulo Fenomenologia é originário do grego. ‘Fenômeno’, *phainómenon*, significa “aquilo que aparece”. A palavra deriva do verbo grego *phainomenai*: “eu apareço”. O que “aparece” é aquilo que se mostra à luz, o “brilhante” (*phaino*). Em sua etimologia, o termo significa estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado (ABBAGNANO, 1999, pp. 436 – 438; LYOTARD, 1999, p. 10).

Assim, no ato de perceber as “as coisas mesmas”, o mundo fenomenológico se revela, aparece. O próprio fenômeno aparece. Portanto, a etimologia da palavra fenomenologia designa, de

acordo com Lyotard (1999, p. 10), “estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, daquilo que é dado”. Portanto, a fenomenologia investiga de forma direta e rigorosa o fenômeno, interrogando-o e descrevendo-o em um esforço de captar a sua essência (HUSSERL, 1990; 2000).

Um pressuposto indispensável da fenomenologia como método é demonstrar as estruturas em que a experiência acontece, é permitir a manifestação das estruturas universais na descrição das experiências. Em conformidade com Husserl (2000), os fenômenos são os atos e os correlatos dessa consciência vividos pela própria consciência. O termo Fenomenologia é utilizado por Husserl (2000, p. 35) em a *Ideia da Fenomenologia* como “[...] a análise de tudo o que se dá em si mesmo (*Selbstgegebenheit*) [...]”, isto é, são os fenômenos.

Para a fenomenologia, todo fenômeno está associado com o mundo e com a vida: todo fenômeno apresenta uma essência que é possível ver e descrever. Portanto, a fenomenologia, conforme descreve Husserl (2000, p. 46), “designa um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico”. Por ser uma atitude intelectual e filosófica, “O método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento” (HUSSERL, 2000, p. 22). Pela fenomenologia transcendental, para Husserl, nos colocamos “fora” do mundo, na dimensão transcendental precisamente, *a priori*. Embora o fenômeno possua um horizonte que é o mundo, o fenomenólogo o considera justamente como fenômeno, não como estando factualmente no mundo, pois este é posto entre parênteses pela *epoché* fenomenológica. É o que nos incentiva a afirmar que o fenômeno surge como uma estrutura, ou seja, como uma multiplicidade claramente unificada por meio das relações características dessa mesma estrutura. Nessa perspectiva, Capalbo (1996, p. 19) assegura:

Não nos é possível separar o fenômeno e coisa em si. O fenômeno é conhecido diretamente, sem intermediários, ele é objeto de uma intuição originariamente doadora. Não há fenômeno que não seja fenômeno para uma consciência de algo, não há consciência sem que ela seja consciência de algo, sem que seja determinada como certa maneira de visar os objetos, o mundo.

Esse conhecimento é da ordem do espírito que capta o dado absoluto por meio do fenômeno que se mostra à consciência. A atitude natural é um modo de compreender e interpretar o que é dado à consciência. Para Husserl (2000, p. 39), a atitude espiritual natural,

Não se preocupa ainda com a crítica do conhecimento. Na atitude espiritual natural viramo-nos, intuitiva e intelectualmente, para as coisas que, em cada caso, nos estão dadas e obviamente nos estão dadas, se bem que de modo diverso e em diferentes espécies de ser, segundo a fonte e o grau de conhecimento.

Na atitude espiritual natural, o sujeito “volta para as coisas mesmas”, isto é, apresenta uma maneira espontânea de ver e perceber o mundo. Portanto, conforme Husserl (2006, p. 33), na atitude natural “O conhecimento natural começa pela experiência e permanece na experiência”; temos uma conduta ingênua diante do mundo e das coisas. Possuímos uma certeza e esta tem um caráter irreflexivo, existe uma ausência de dúvida diante das coisas e dos objetos que nos circundam e do próprio eu. O resultado dessa atitude é uma confiança indubitável no mundo e nas coisas, o que a caracteriza uma atitude espiritual natural.

Na atitude espiritual filosófica, que é diferente da atitude natural, ocorre um ver, um enxergar inédito sobre o mundo, uma nova perspectiva de se situar diante do conhecimento e que só é possível por meio da filosofia. Ao admitirmos uma atitude de dúvida, de interrogação, uma posição reflexiva perante ao mundo e as coisas, nos colocamos numa posição de reflexão intencional diante deles, o que evidencia uma atitude espiritual filosófica ou atitude fenomenológica.

Essa ação nos possibilita a revelação daquilo que doa sentido ao mundo, às coisas e a todas as ciências. Para Husserl (s.d. p. 29), “se se pretende fundar as ciências de forma radical, a evidência que nos dá a experiência do mundo necessita de qualquer modo de uma crítica prévia da sua autoridade e do seu alcance; portanto, não podemos sem contestações considerá-la como apodíctica”. A evidência apodíctica é aquele tipo de evidência, conforme Abbagnano (1999), cujas premissas e proposições não podem ser refutadas, questionadas nem negadas por resultarem de uma reflexão sobre a própria evidência.

A fenomenologia é a ciência dos fenômenos. Para Husserl *apud* Fragata (1959, p. 80 – 83), o fenômeno se revela à consciência de forma pura e absoluta, como a própria coisa, como manifestação em si mesmo, por isso, o fenômeno é tudo que se mostra e do qual conseguimos ter consciência captando os objetos na consciência e, do mesmo modo, os atos conscientes, de origem intelectual, da vontade ou afetivos. A partir do exposto, o método fenomenológico apresenta passos.

O primeiro é a *epoché* – originária do grego, que significa suspensão dos juízos valorativos. Importante destacar que no método há vários tipos de reduções: no primeiro momento, a *epoché*

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 24, n.01, p.01-16, jan/dez 2024.

renuncia todas as doutrinas filosóficas. Para o filósofo não há interesse nas opiniões alheias, ele se direciona às próprias coisas. A *epoché* fenomenológica é uma atitude que se evidencia pela abertura da consciência para que se suspenda a crença no mundo exterior como existindo independentemente da subjetividade em si. Esta fase “coloca entre parêntesis” algumas noções do dado e efetua a suspensão provisória.

Uma vez efetuada esta fase inicial, atingimos a *redução eidética*, por meio da qual as características individuais do objeto ou coisa investigada “são colocadas entre parêntesis” e reduzidas, pois o interesse da fenomenologia está na essência. Neste processo de redução elimina-se a individualidade e a existência e todas as ciências da natureza e do espírito, suas observações de fatos e suas generalizações da mesma forma. A fenomenologia considera a essência pura e deixa à parte todas as outras fontes de informação.

Após a *redução eidética*, Husserl apresenta a *redução transcendental*, que coloca entre parêntesis não só a existência, mas tudo o que não é correlato da consciência pura, de modo que coisa alguma permanece do objeto ou coisa a não ser o que é dado ao sujeito. No intuito de captar os fundamentos da redução transcendental, é indispensável que analisemos o princípio da intencionalidade (FRAGATA, 1959; ZITKOSKI, 1994; HUSSERL, 2000; HUSSERL, 2006; HUSSERL, s.d).

Para fundar sua ideia de ciência rigorosa, Husserl intencionava uma consciência pura compreendida por meio da intencionalidade, conceito herdado de Franz Brentano. Para Husserl (1992, p. 21) “a propriedade fundamental dos modos de consciência, que o eu vive como eu, é a chamada intencionalidade, *é sempre ter consciência de alguma coisa*”. Zilles (2002, p. 27) afirma que a consciência para Husserl é intencionalidade:

Só existe como consciência de algo. A análise da consciência abrange a descrição de todos os modos possíveis como alguma “coisa” ideal ou real é dada imediatamente à consciência. Neste sentido tornou-se célebre o lema husserliano da “volta às coisas mesmas” (*Zu den Sachen Selbst!*). Entende por “coisa” (*Sache*) não objetos físicos, mas o fenômeno como o imediatamente dado à consciência, isto é, como se apresenta à consciência. Trata-se de prescindir do empírico, de preconceitos e pressupostos, do singular e do acidental, para chegar às essências dadas, as quais são o objeto inteligível do fenômeno, captado numa visão imediata da intuição.

Portanto, a intencionalidade é uma experiência consciente, é sempre intencional, ou seja, está sempre direcionada a algo. Isso significa que cada ato de consciência tem um objeto, mesmo que esse objeto seja um estado mental ou uma ideia.

O método fenomenológico não se preocupa com a dedução e a empiria, pois visa revelar e esclarecer o que é dado à consciência. Desta forma, não esclarece os dados por meio de leis e faz deduções partindo de juízos ou crenças, porém admite o que está diante da consciência, o objeto. Diante do objeto as vivências se apresentam, por isso, são consideradas “vivências intencionais” (*intentionale Erlebnisse*), uma vez que são consciência de alguma coisa (amor, opinião, juízo, etc.) e expressam uma “relação intencional” com esta coisa.

Utilizando, neste momento, a redução fenomenológica por meio da qual obtemos o acesso às vivências intencionais, captamos a consciência como um puro núcleo de percepção da intencionalidade, ao qual o objeto intencional é dado, bem como atingimos a um objeto, que reduzido, não tem outra existência a não ser de ser dado intencionalmente a este sujeito. Na respectiva vivência, acha-se o ato puro, que é o dirigir-se intencional da consciência pura ao objeto intencionado. Dessa forma, a fenomenologia torna-se a ciência da essência das vivências puras, pois a realidade total se mostra como constante das vivências alcançadas como atos puros.

Por isso, a redução Fenomenológica é uma técnica que envolve a redução ou a "descascagem" das camadas de interpretação e preconceito que podem se acumular em torno de uma experiência. O objetivo é chegar à essência da experiência.

Ao obter, por meio do seu método, uma clareza a respeito do fundamento da ciência e o papel da filosofia, Husserl anuncia a crise da humanidade europeia em relação ao problema do conhecimento filosófico. Ele compreende as perspectivas de ver abalada toda a crença no espírito filosófico diante do racionalismo exagerado, tecnicista e cientificista como uma irracionalidade própria da negação do significado maior do progresso da razão, ou seja, um retorno à razão da consciência com base no *cogito*. Um retorno à realidade espiritual, conforme Husserl declarou na Conferência “*A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*” de 1935: a razão é a causa da decadência das ciências do espírito.

A Fenomenologia Husserliana teve um impacto significativo no pensamento filosófico e continua a influenciar diversas áreas do conhecimento até os dias atuais. Sua ênfase na experiência subjetiva, no método fenomenológico e nos conceitos de intencionalidade e redução



fenomenológica proporcionaram uma abordagem inovadora para a compreensão da consciência humana e da realidade vívida. Para fins de pesquisa, é necessário apresentar as fases ou etapas do método fenomenológico.

## **Etapas da Metodologia Fenomenológica**

Quanto à metodologia, a abordagem fenomenológica envolve uma série de etapas interconectadas para explorar e compreender a essência de uma experiência. Ao pesquisar em fenomenologia devemos ter claro que a fenomenologia é uma abordagem filosófica e metodológica clássica que oferece uma aproximação única para a investigação subjetiva, convidando os/as pesquisadores/as a explorar a experiência humana em sua forma mais pura e imediata. O método apresenta as seguintes etapas no processo de pesquisa:

1. A formulação da questão de pesquisa: a pesquisa fenomenológica começa com uma pergunta aberta que explora a essência de uma experiência específica que se deseja investigar. Esta pergunta orienta todo o processo.
2. Identificar o fenômeno: que é a busca da própria natureza da coisa. Destacar o fenômeno a ser investigado/pesquisado, definido em termos de uma ideia ou conceito, como ideia educacional, didática, como conceito psicológico, filosófico ou ideia da área a ser abordada.
3. Identificação do fenômeno: qual o objeto da experiência humana. Por meio da abordagem qualitativa destaca-se o fenômeno a ser investigado como dor, raiva, tristeza, sentimento de exclusão ou cirurgia de transplante de coração, etc.
4. A seleção de participantes: os participantes são escolhidos com base em sua vivência direta da experiência em estudo, fornecendo informações relevantes e profundas a partir da sua vivência, do seu mundo-vida.
5. Pesquisar o fenômeno com um grupo de pessoas que o vivenciaram. Uma vez identificado o fenômeno, o grupo deve ser diverso/divergente entre 3 (três) a 15 (quinze) pessoas.
6. Coleta de dados: entrevistas em profundidade. A entrevista é a principal ferramenta de coleta de dados em fenomenologia. As entrevistas buscam explorar as experiências dos participantes sem direcionamento prévio.

7. Descrição fenomenológica: as entrevistas são transcritas e examinadas cuidadosamente. O pesquisador busca identificar unidades de significado e categorias emergentes. Importante: a descrição deve conter a essência da experiência para todas as pessoas da pesquisa após a coleta de dados.
8. Redução fenomenológica: nesta etapa, o pesquisador aplica a *epoché*, isto é, a suspensão do juízo de valores e pré-conceitos de conhecimentos anteriores, focando nas vivências subjetivas originadas das falas dos entrevistados/as e as e categorias de palavras, buscando as estruturas essenciais da experiência.
9. Identificação de essências: por meio da redução fenomenológica, o pesquisador busca identificar as essências universais que caracterizam a experiência para todos os participantes. Importante: as essências universais no âmbito da pesquisa originam as unidades de sentido das estruturas essenciais da experiência.
10. Elaboração do texto descritivo: o pesquisador elabora uma descrição textual rica da essência da experiência, utilizando as palavras e perspectivas dos participantes sempre que possível, uma vez que depende do fenômeno da pesquisa.
11. Análise dos dados: a partir das unidades de sentido delimitadas, até as descrições detalhadas que se sintetizam em dois elementos: o “que” as pessoas experimentam/taram e “como” elas experimentam/taram?
12. Discussão e reflexão: o pesquisador contextualiza a essência identificada dentro do panorama teórico existente e discute suas implicações das experiências das pessoas acrescentando “o que” e “como” as pessoas experimentam/taram em um estudo fenomenológico.

## **Aplicação da Metodologia Fenomenológica**

A metodologia fenomenológica recupera a dimensão da subjetividade abandonada pelas ciências naturais, preocupação de Edmund Husserl ao buscar estudar os fenômenos humanos. É uma metodologia que alcança aplicação em diversas áreas de conhecimento, como a psicologia, a educação, a filosofia, a sociologia, a enfermagem e outras áreas das humanidades em que se estuda o sujeito humano e suas subjetividades.

É uma metodologia que pode ser utilizada para investigar numerosas temáticas voltadas para a compreensão da consciência humana e da realidade vivida, desde o significado dos sentimentos como a dor, a raiva, a tristeza, o sentimento de exclusão, a cirurgia de transplante de coração, a paixão à ideia de parentalidade até a experiência de pacientes com dores crônicas a uma série de outras possibilidades, como poemas, documentos, etc. Portanto, a fenomenologia possibilita uma compreensão de investigação pautada nas perspectivas subjetivas dos/as participantes da pesquisa e pode provocar *insights* que corroboram com as práticas teóricas do conhecimento das ciências humanas. Na atualidade, há estudos nas mais diversas áreas do conhecimento que buscam ressignificar, a partir do olhar humano e da intencionalidade, a dimensão do sentido e da percepção do sujeito subjetivo. De acordo com Husserl “toda consciência é consciência de alguma coisa”.

Para o filósofo, toda consciência é intencional por efetivamente se direcionar para algo, de tal modo, toda consciência é consciência de um objeto intencional de uma visada, “todos os vividos que têm em comum essas propriedades eidéticas também se chamam ‘vividos intencionais’, uma vez que são consciência de algo, eles são ditos ‘intencionalmente referidos’ a esse algo” (HUSSERL, 2006, p. 89)

## Considerações Finais

A metodologia fenomenológica oferece uma abordagem rica e detalhada para explorar as experiências humanas. Ao suspender julgamentos, focar na descrição e buscar a essência das experiências, os pesquisadores podem capturar a complexidade do mundo subjetivo. É uma metodologia que propicia uma dimensão de análise a partir das vivências e experiências humanas captando as subjetividades. A fenomenologia é uma filosofia que decorre da vivência pura e da experiência anunciando que não existe objeto em si, como era a percepção dos realistas, pois objeto é sempre para um sujeito que lhe dá significados.

É um método que prioriza os significados subjetivos, por isso, para pesquisadores/as e, principalmente, estudantes de graduação e pós-graduação, a fenomenologia representa uma oportunidade de aprofundar nas profundezas da subjetividade humana, proporcionando uma visão única e habilidades para suas pesquisas que tenham interesses em investigar a subjetividade e a intencionalidade da consciência a partir do retorno “às coisas mesmas”, isto é, ao mundo-vivido.

Portanto, as Contribuições da Fenomenologia como Perspectiva Metodológica nas Ciências Humanas é de fundamental importância para refletir a preocupação com a renovação ética do

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 24, n.01, p.01-16, jan/dez 2024.

homem a partir de Husserl. Nos cinco artigos da revista *Kaizo* (1922 – 1924), segundo Husserl, a renovação do homem, do homem como indivíduo e como parte da comunidade humana, “eis o tema supremo da ética” (2014, p. 24). A concepção de responsabilidade ética é apontada em Husserl como razão de uma mudança do homem e da cultura, ou seja, é a necessidade da renovação humana e cultural. Esse processo de renovação só será realizável com o devido compromisso do homem individual com a responsabilidade por suas próprias ações, por meio da cultura humana em sua totalidade e se fundamenta na consciência das ações livres e de forma voluntária pelo ser humano.

A tomada de consciência e a capacidade de avaliação do sujeito ocorrem por meio de bases individuais e sociais reflexivas estabelecidas, que envolvem reconhecer uma posição a partir de atos avaliativos e reflexivos. Husserl (2014, p. 24) considera que o ideal de renovação deverá ser guiado pela vida ética que é:

segundo a sua essência, uma vida que está conscientemente sob a ideia de renovação, uma vida voluntariamente guiada e enformada por esta ideia. A Ética pura é a ciência da essência e das formas possíveis de uma tal vida, na generalidade pura (apriorística). A ética empírico-humana quer, desseguida, adaptar ao empírico as normas da Ética pura, ela quer tornar-se a condutora do homem terreno sob condições dadas (individuais, históricas, nacionais e outras). Sob o nome de “Ética” não se deve, porém, pensar na simples Moral, que regula o comportamento prático “bom”, “racional” do homem em relação ao seu semelhante sob ideias de amor ao próximo. [...] mesmo o nome “razão” deve, por conseguinte, ser tomado de um modo completamente geral, de tal maneira que Ética e ciência da razão prática se tornem conceitos equivalentes. [...] além disso, a Ética não é simples ética individual, mas também ética social.

Husserl, a partir da crise da humanidade europeia, questiona a sociedade humana com base no fenômeno ético (fenômeno de valores), como ocorre sua origem e como se constitui. Assim, o que aparece são atos oriundos do sensível, isto é, valores, valores igualmente são dados. Por isso, existem condições objetivas de avaliar a moral. No entanto, a subjetividade é um elemento específico da reflexão transcendental anterior a ela: existe um mundo circundante que determina as formas de ação, as normas de valoração e ações corporais que não acontecem de forma passiva e existe a ação que é atributo do ser humano racional que é a reflexão

Importante destacar que, para que a renovação aconteça, é fundamental uma responsabilidade, sentir-se insatisfeito, estar inconformados com os argumentos rígidos, porém sempre conscientes diante da individualidade e da liberdade do outro que igualmente sente e pensa o seu mundo

O processo de renovação deve surgir da responsabilidade, da seriedade e da consciência da nossa racionalidade, especialmente, do/a filósofo/a, do/a estudioso/a, do/a pesquisador/a, que por seu espírito crítico é solicitado a reagir por meio da sua atividade crítica a toda injustiça, toda ação humilhante e qualquer violência que ameace a pessoa e a humanidade. Por isso, a responsabilidade ética com a sociedade. Para Husserl (2014, p. 25), a Ética não é:

simples ética individual, mas também *ética social*. Não está já dado algo definitivo com o fato de o comportamento prático do homem singular para com os seus semelhantes, ou seja, para com os seus companheiros na unidade da comunidade, ser submetido a uma investigação ético-individual. Há, também, necessariamente, uma ética da comunidade *enquanto* comunidade. Em particular, daquelas comunidades universais que denominamos "*humanidade*" - uma nação ou uma humanidade coletiva, abarcando várias nações.

Pode-se perceber que a renovação é uma perspectiva filosófica que é dialógica. Diálogo com o outro, por isso, a ética não se constitui na individualidade e no egoísmo e também não é apenas teórica, pois alcança as pessoas e as instituições. Necessário se faz que tenhamos conhecimento da realidade e vontade para agir tendo consciência dos fatos e da cultura, não agindo de forma individual, mas essencialmente como coletividade humana. Para Husserl (2014, p. 25), uma humanidade:

estende-se tanto quanto se estenda a unidade de uma cultura; no ponto mais alto, estende-se até uma cultura universal independente e fechada sobre si própria, que pode conter em si muitas culturas nacionais singulares. Em uma cultura, objetiva-se precisamente uma unidade de vida ativa, cujo sujeito coletivo é a respectiva humanidade. Por *cultura* não entendemos outra coisa senão o conjunto das realizações que se efetivam nas atividades consecutivas do homem comunalizado, que têm uma existência espiritual permanente na unidade da consciência comunalizada e da sua tradição persistente.

O processo de renovação é um processo de esclarecimento no qual a razão é uma ideia dinâmica em contínuo desenvolvimento histórico e teleológico de mundo. O mundo dado, após a redução transcendental, não será mais o mundo natural simples, mas sim, um mundo espiritual, no qual Husserl propõe uma ciência universal e teleológica, em que se constitui a pessoa humana e também o ideal mais elevado de humanidade, isto é, a autonomia.

A ciência universal apoditicamente fundada e fundamentadora surge, então, como a função da humanidade necessariamente mais elevada, a saber, e conforme se disse, a da possibilitação do seu desenvolvimento até uma autonomia humana pessoal e onibrangente - a ideia constituinte da força vital impulsionadora do mais elevado estágio da humanidade (HUSSERL, 2012, p. 2017).

A autonomia é um ideal de formação da vida autêntica do sujeito e da humanidade. É uma ideia radical de liberdade que conduz o ser humano a assumir uma vida de valores positivos diante de si e da cultura, constituindo uma sociedade livre. Aspirar uma vida autêntica, ética, racional e consciente deve ser um princípio, um grito por uma vida digna de formação e educação humanas. Portanto, é por meio de uma árdua e rigorosa tarefa da razão que conseguimos valorizar a Vida autêntica, pois constitui o homem que vive na razão e terá “a garantia do seu direito, este conhecimento cria a consciência de responsabilidade da razão ou consciência ética” (HUSSERL, 2014, p. 38). O ato de investigar que é tarefa do/a pesquisador/a é uma tarefa humana, portanto, uma tarefa da consciência ética. Na atualidade, o método fenomenológico é uma alternativa para pensar e refletir sobre o ser humanos e suas subjetividades em mundo em crise e com uma razão técnica e tecnológica que exclui a dimensão de humanidade.

O entendimento da investigação do que representa a crise em Husserl, por ser uma crise da racionalidade, não permite prescindir da razão como característica primordial e constituinte do ser humano, por isso, a ideia de renovação nunca pode ser entendida ou interpretada como inovação. Neste aspecto, a Filosofia como atividade da Razão tem um papel essencial na conjuntura de busca da superação da crise, uma vez que a função e a atitude que a filosofia necessita empreender como estrutura espiritual da humanidade europeia é de perpetuar seu papel de liderança e seu particular trabalho indeterminado. A Filosofia tem a ocupação de reflexão universal, livre e teórica com abrangência em todos os ideais, bem como, o ideal de totalidade, isto é, ter compreensão do alcance do sistema de todas as estatutos de normas e regras morais, éticas e epistemológicas.

A ideia husserliana de superação da crise estabelece um ideal de humanidade autêntica como um projeto universal e inacabado, formado pela tradição da Grécia antiga de uma racionalidade que intencionava o empreendimento de uma cultura de totalidade em relação ao significado da existência humana no mundo em articulação com as esferas da vida social, cognitiva, epistemológica e ética. Um projeto de Renovação Ética que resgatasse o sentido fundante e autêntico da racionalidade é o projeto de Husserl. A partir das Contribuições da Fenomenologia como Perspectiva Metodológica nas Ciências Humanas podemos refletir sobre o papel e importância da pesquisa e do/a pesquisador/a na construção de novos conhecimentos para um mundo em constante crise e transformação.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 3ª. ed. revista e ampliada, São Paulo: Martins fontes, 1999.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. 3ª edição revista e aumentada. Londrina: Ed. UEL, 1996.

FRAGATA, Júlio. **A Fenomenologia de Husserl Como Fundamento da Filosofia**. Livraria Cruz, Portugal, PT, 1959.

HUSSERL, Edmund. **Europa: Crise e Renovação**. Tradução: Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Editora GEN: Forense Universitária, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

HUSSERL, Edmund. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia** In.: Europa: Crise e Renovação. Tradução: Pedro M. S. Alves e Carlos Aurélio Morujão. Editora GEN: Forense Universitária, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

HUSSERL, Edmund. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica**. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Editora GEN: Forense Universitária, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

HUSSERL, Edmund. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**. Tradução e Introdução: Pedro M. S. Alves. Editora GEN: Forense Universitária, Rio de Janeiro, RJ, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia**. Introdução de António M. Magalhães. Tradução de Maria Gorete Lopes e Sousa Porto, Portugal: Edições Rés, s.d.

HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Tradução: Artur Mourão. Latgraf – Artes Gráficas, Lda para Edições 70, 2000.

HUSSERL, Edmund. **Conferencias de Paris**. Tradução de António Fidalgo e Artur Mourão. Smag para edições 70 – Rio de Janeiro – RJ, 1992

HUSSERL, Edmund. **A Filosofia Como Ciência de Rigor**. Prefácio de Joaquim de Carvalho. Tradução de Albin Beau, 2ª ed. Coimbra, PT, 1965.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: uma introdução geral à fenomenologia pura**, tradução Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006 (Coleção Subjetividade Contemporânea).

HUSSERL, E. Europa: crise e renovação: artigos para a revista Kaizo: **a crise da humanidade europeia e a filosofia**: de acordo com os textos de Husserliana VI e XXVII. Trad. Pedro M. S. Alves, Carlos Aurélio Morujão. Ed. Forense Universitária, 2014

LYOTARD, Jean-François. **A Fenomenologia**. Tradução de Armindo Rodrigues, edições 70, Lisboa, PT. 1999.

Revista **GESTO-DEBATE**, Campo Grande - MS, vol. 24, n.01, p.01-16, jan/dez 2024.

KELKEL, L. Arion; SCHÉRER, René. **Husserl**. Tradução de Joaquim João Coelho Rosa  
Lisboa: Edições 70, 1954.

ZITKOSKI, Jaime José. **O Método Fenomenológico de Husserl**. Ed. EDPUCRS, Porto Alegre,  
RS, 1994.

ZILLES, Urbano. **A Fenomenologia Husserliana como Método Radical**. In.: HUSSERL,  
Edmund. A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia; introdução e tradução de Urbano Zilles. -  
2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002 (Coleção filosofia vol. 41).

*Recebido em: 10/11/2023*

*Aceito em: 14/12/2023*

*Publicado em: 29/01/2024*

*Total de Avaliadores: 02*

16

## ***Pareceres Abertos***

### ***Parecer 01***

Texto bem fundamentado, com escrita clara, objetiva e didática. Sou de parecer favorável à publicação.

### ***Parecer 02***

O artigo apresenta um panorama acessível à perspectiva metodológica da fenomenologia. Demonstra seus conceitos e categorias centrais, bem como dialoga com autores clássicos dessa tradição epistemológica e filosófica. Aprovado.